

BOLETIM DO MUSEU DE BIOLOGIA

« PROF. MELLO LEITÃO »

SANTA TERESA - ESPÍRITO SANTO - BRASIL

BIOLOGIA - Nº. 27 - 10 de Março de 1961

Algumas observações sobre: *Phaethornis yaruqui yaruqui* (Bourcier); *Boissonneaua jardine* (Bourcier); *Doryfera ludovicae ludovicae* (Bourcier & Mulsant); *Heliangelus viola* (Gould); *Colibri coruscans coruscans* (Gould); *Helianthea torquata fulgidigula* (Gould); *Aglaiocercus kingi mocoa* (De Lattre & Bourcier) e *Aglaiocercus kingi margarethae* (Heine).

(AVES)

Augusto Ruschi
Museu Nacional

INTRODUÇÃO

Durante as viagens que realizei ao Equador e a Venezuela, em colecionamento de material vivo de suas troquilifaunas, para o Museu de Biologia Prof. Mello Leitão e ainda para a cooperação do trabalho do Dr. C. H. Greenewalt, pude observar algo sobre essas espécies, em tantos lugares que visitei.

AGRADECIMENTOS

Nesta oportunidade venho expressar os meus sinceros agradecimentos aos Drs. Caton Cardenas, Prof. Gustavo Orcés e Henrique Espinosa, do Equador; aos Drs. William H. Phelps e William H. Phelps Jr. eméritos ornitólogos e Exmas. Sras., ao Sr. Ramon Avello Hostos, Presidente da Sociedad Venezolana de Ciencias Naturales, ao Sr. Ramon A. Urbano, colecionador taxidermista da Coleção Ornitológica Phelps e ao botânico Prof. Leandro Aristeguieta, da Venezuela, pelas atenções, hospitalidade, cooperação, assistência e facilidades que proporcionaram-me durante o tempo que permaneci nesses países. Ao Dr. Crawford H. Greenewalt e ao THE AMERICAN MUSEUM OF NATURAL HISTORY, deixo também registrado o meu especial agradecimento, pela valiosa contribuição que emprestaram-me para o êxito dessas expedições e ainda pela autorização dada para que pudesse publicar as ilustrações coloridas que enriquecem este número do nosso Boletim.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA, HABITAT E OUTRAS
ANOTAÇÕES

Phaethornis yaruqui yaruqui (Bourcier) - Figura 1. - Vive na região de florestas virgens, da Zona Tropical húmida oeste, da fauna Pacífico-Colombiana de Chapman, no Equador, em Santo Domingo de los Colorados; Rio de Oro, Naranjo, Bucay, Chimbo, La Chonta e Pato de Pajaro, em altitudes de 200 a 600 metros. Em Santo Domingo de los Colorados, é abundante na Fazenda do Dr. Alfredo Espinosa, onde frequenta as proximidades de rios e córregos, em visita às flores de *Heliconia hirsuta* e outras espécies do mesmo Género, de grande porte e também algumas espécies de *Calathea*. No mesmo habitat encontramos os troquilídeos: *Eutoxeres aquila heterura* Gould; *Phaethornis longuemareus subrufescens* Chapman; e *Threnetes rukeri rukeri* (Bourcier). O canto de *P. y. yaruqui* é muito forte e bastante variado; das espécies de *Phaethornis* é o mais canoro; nos dias 17 a 20 de setembro de 1958 observei alguns indivíduos em luta, disputando uma fêmea e, em dado momento passavam de um para outro lado da mata, a uma altura de pouco mais de um metro do solo, quatro indivíduos em agressão e por entre a vegetação cerrada ou mais aberta continuavam em luta, ao mesmo tempo que emitiam seus assovios e chilreados, de agressor e agredido, em fraseado contínuo. Um dos agressores afastou-se dos demais, pousando a pouco mais de um metro do local em que me encontrava, aguardando o momento da chegada de um *Eutoxeres aquila heterura*, para capturá-lo, e enquanto aguardava sua chegada pude observá-lo pousado em um ramo horizontal, alto 80 cms do solo, com a cauda em movimento de vai e vem, abrindo fortemente o bico longo, deixando a mandíbula vermelho vivo em contraste forte com o verde enegrecido da plumagem, e as azas também em movimento, continuava a cantar sem interrupção, com toda sua força, um fraseado muito longo e complexo, entremeiado de quando em quando por assovios agudos. A cabeça também recebia movimentos contínuos para um e outro lado, até que passados cinco minutos, novamente partiu atrás dos lutadores. Essa luta entre vários machos para a escolha da eleita futura, é de quando em vez separada entre dois disputantes e assim vimos que em vôo de libração, defrontavam-se, estendiam a cauda em leque e sempre a cantar, para depois desfechar um novo golpe e fugirem em nova perseguição. A fêmea perseguida e agredida, em fuga emite continuamente o seu assovio breve, dizendo: tri, tri, tri, tri... Capturamos cinco exemplares que foram trazidos para Santa Teresa e viveram cerca de dois anos em cativeiro, um deles, o que serviu para ilustrar a Figura 1, foi identificado aos peccer, como sendo um macho, que na época mantinha a plumagem de jovem, foi incorporado à coleção de peles do Museu de Biologia

Prof. Mello Leitão, e recebeu o nr. 2.010. A temperatura desta espécie é de 39 graus e o seu peso é de 6,1 grs. É espécie sedentária e muito belicosa. O seu nome vulgar no Equador é: Muerto Negro. Também assistimos em natureza e em cativeiro no momento que toma o seu banho; éste é sempre de imersão, como os demais *Phaethornis*; sobrevoam antes no local onde vão cair à água, despreendendo-se de 10 cms. de altura, em uma batida que se deixa em pequeno mergulho, saindo assim várias vezes, para depois ir ao pouso realizar a higiene da plumagem. Sempre escolhe água límpida e sem correnteza. Sempre nas horas da manhã, e à tarde, como a maioria dos troquilídeos.

***Boissonneaua jardini* (Bourcier) - Figura 2** — Vive na Zona Sub Tropical Oeste dos Andes do Equador e Colombia, em altitudes entre 1.000 e 3.000 metros. No Equador, em Gualea, Nanegal, Mindo, Nono, Tumbaco, Cumbaya, Guapulo etc. Na Colombia, em Buenavista, Ricaurte, Narino e Nóvita Trail. Os exemplares que tive- mos em cativeiro, durante quasi quatro anos, foram capturados, em lugares de encostas rochosas, com vegetação arbustiva, nas proximidades de um córrego, em Gualea. No Equador é conhecido pelo nome vulgar de. Quinde Vicente. O seu peso é de 8,1 grs., a sua temperatura é de 41 graus e o número de vibrações de asas, em vôo de libração, é de 20 por segundo. Sempre que realiza um vôo ao chegar para pousar, alça as asas destendidas para o alto e as detem paradas nessa posição por alguns segundos, para depois ajustá-las na posição normal. É uma atitude característica para tôdas as espécies de alguns Generos como: *Boissonneaua*, *Aglaeactis*, *Eriocnemis*, *Helian-gelus* e outros das regiões Andinas. O canto dessa espécie é composto de assovios chilreados, muito agudos, de pouca potência, pois são audíveis até 10 metros. Sempre dizem uma variedade de: si, siii, si, sii, siii... A notável iridescência de sua plumagem, especialmente a dorsal, e a variedade de cores que apresenta, o coloca entre os mais notáveis troquilídeos. Essa irisação da plumagem é ainda mais fulgurante quando o beija-flor vai banhar-se, pois o seu banho é em jato ou respingos da água das cascatas ou filetes; êle procura projetar-se em vôo nesses fluxos de água, sendo que ao aproximar-se da água êle iriça tôda a plumagem do corpo e então o brilho reluzente se torna mais intenso, especialmente na região dorsal, e assim se atira a água, para depois ir ao pouso iniciar a higiene da plumagem; repete essa cena várias vezes em cada banho. A hora preferida para o seu banho é 11 horas da manhã e 5,30 da tarde. É uma espécie sedentária. O exemplar da ilustração à cores da figura 2 está incorporado à coleção de peles do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão sob nr. 2.056.

Dryfera ludovicae ludovicae (Bourcier & Mulsant) -

O seu nome vulgar no Equador é Viúda. Vive na Zona Sub Tropical dos Andes da Venezuela, Colombia, Peru e Equador, em lugares cuja altitude varia desde 1.000 até 3.000 metros. No Equador é encontrada em: Oyacachi, Sumaco, S. José, Rio Zamora e Rio Pastaza e Nanegal. Dessa última localidade tivemos um exemplar que viveu por um mês em cativeiro, ainda durante nossa permanência em Quito, pois a deficiência da nossa inicial criação de drosófilas foi a causa de sua perda, não pudemos verificar muito de seus costumes, além de saber que é belicoso e que o seu banho é de imersão, como o das Thaluranias. Em Nanegal encontramos um ninho desta espécie, no dia 26-8-58; estava a uma altura de 2 ms. do solo, suspenso num ramo em balanço. Pertence ao 3º. Tipo da Classificação que adotamos, e ao Sub Tipo das espécies Andinas. É inteiramente confeccionado de musgos, inclusive a câmara oológica; possui externamente afixado, alguns fragmentos de gravetos. Figura 3. Apresenta as seguintes dimensões: D. E. 6 cms. D. I. 3,2 cms. A. E. 8 cms. A. I. ou Profundidade 2,7 cms. Continha dois ovos, medindo 16 X 11 mms. em seus eixos e pesavam 0,90 grs. cada. Foi incorporado à coleção de ninhos do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão.

Heliangelus viola (Gould) - O seu nome vulgar no Equador é: Corbata violeta. Vive nas Zonas Temperadas e Sub Tropical a oeste dos Andes Peruanos e Equatorianos, em altitudes de 2.000 até 3.500 metros. Nos lugares: El Tambo, Chugur, Taulis, Chachapoyas, San Pedro, La Lejia, Leimbamba, Levanto e Cutervo, no Perú; e no Equador nas localidades: El Chiral, Taraguacocha, Salvias, El Paso, Guachanema, San Bartolo e Cuenca. Os exemplares que tivemos em cativeiro, foram capturados em Cuenca no Equador, também esses viveram apenas alguns meses, pois a sua captura feita com sarabatana feri-os de maneira a não mais se recuperarem. Sua temperatura é de 41,5 graus. O seu vôo é também seguido após o pouso, de uma abertura de azas para o alto, ficando abertas nessa posição por alguns segundos, para depois fechá-las em posição normal. O seu canto é chilreado e bastante variado, movimentando muito a região do mento quando assim procedem. Preferem o banho no orvalho ou no molhado da vegetação pela chuva. Vive sempre na região de encostas rochosas cobertas de vegetação arbustiva, com bastante humidade. Em Cuenca encontramos um ninho desta espécie, no dia 22-6-57 estava suspenso nas raízes de uma orquidacea, a uma altura de 1,60 do solo. É todo confeccionado de musgo e a câmara oológica é forrada com paina de compostas e bromeliaceas. As suas dimensões são: A. E. 7 cms. A. I. 3 cms. D. E. 7 cms. D. I. 3 cms. Os seus ovos mediam 16,5 X 10,5 mms. e pesavam 0,95 grs. O ninho pertence ao 3º. Tipo da Classificação que adotamos, e do Sub Tipo das espécies Andinas. Figura 4.

Colibri coruscans coruscans (Gould) - O seu nome vulgar no Equador é: Quinde Real, e na Venezuela Tucuso. É encontrado nas Zonas: Temperadas e aridas e Sub Tropicais, da Venezuela, Perú, Equador, Colombia, Bolivia e noroeste da Argentina. É uma espécie de larga distribuição geográfica nos Andes; observamo-la no Equador, Venezuela, Colombia e Bolivia, as vezes em locais e habitat de espécies endêmicas, como nos casos de: Oreotrochilus, Chalchostigma e Oxipogon; entretanto notamos que aí apenas passava Colibri c. c. em visita, não se fixando permanente nessas regiões, e sua nidificação vimo-la muitas vezes, em locais de menor altitude, como em Quito. Nos Paramos de Mucuchies, na Venezuela, vimos um dia, quando chegou um Colibri c. c. e se deteve por mais de 15 minutos, pousado em um arbusto de «Romero», não muito longe de um Oxipogon guerinii lindenii, e depois em vôo e cantando o seu típico chilreado, frascado, transpos a região dos nevados, em direção da serra de Mérida. Em Caracas, na Venezuela, vimo-lo até a altitude de 900 metros, que acredito seja a menor altitude a que chega esta espécie, e a sua máxima vai além dos 5.000 metros, no Chimborazo. A sua temperatura é de 42 graus; o seu peso, 9 grs. e dá 24 vibrações de azas por segundo, em vôo de libração. Colecionamos vários ninhos desta espécie em Quito, no jardim da residência do Dr. Caton Cardenas; estavam suspensos em ramos de uma roseira trepadeira, encostada à uma parede. É do 3º. Tipo da Classificação que adotamos; é todo confeccionado de líquenes verdes esbranquiçados, musgos, folhas secas de roseiras afixadas externamente e também penas de fringilídeos na câmara oológica e nas paredes externas, em menor número; ainda apresentava alguns fios de cabelo animal, envolvendo as suas paredes. Foi colecionado em 22-6-57. Um único ovo estava ainda em seu interior, e media 17 X 11,5 mms. e pesava 1,1 gr. O ninho apresentava as seguintes dimensões: A. E. 7 cms. A. I. 3 cms. D. E. 7 cms. D. I. 4,5 cms. Estava a uma altura de 4,5 metros do solo. Figura 5.

Hellanthea torquata fulgidigula (Gould) - O seu nome vulgar no Equador é: Corbata blanca. Vive nas encostas rochosas de vegetação arbustiva da Zona Sub Tropical, oeste dos Andes Equatorianos, em Guala e Pallatanga. É uma espécie sedentária e muito belicosa, tivemos muitos exemplares em cativeiro e chegaram a viver pouco mais de um ano, em Santa Teresa. O seu canto é chilreado e entremeiado de assovios muito agudos. Preferem o banho de imersão. Em Guala colecionamos um ninho desta espécie, em 24-7-57, estava suspenso às raízes e musgo, num barranco de estrada, à 1,30 metro de altura do solo; todo confeccionado de musgo verde amarelado, inclusive a câmara oológica. As suas dimensões são: A. E. 7 cms. D. E. 9 cms. D. I. 4 cms. A. I. 3 cms. É do 3º. Tipo da Classificação que adotamos e do Sub Tipo das espécies Andinas. Figura 6. Os ovos mediam 17 X 11 mms. em seus eixos e pesavam 1 gr. Esta es-

pécie tem a temperatura de 41,2 graus. Pesa 8 grs. e o seu vôo de libração dá 22 vibrações por segundo. Vive em lugares de altitude, de 1.000 até 2.500 metros.

Aglaiocercus kingi mocoa (De Lattre & Boucier) - O seu nome vulgar no Equador é: Cola verde. Vive nas Zonas: Temperada e Sub Tropical, humidas, dos Andes do Equador e da Colombia, em altitudes de 3.000 até 4.300 metros. Na Colombia, em La Candela e La Palma; no Equador em: Baeza, Ambato, Banos, Rio Oyacachi, Sumaco, Zamora, Papallacta e Sabanilla. Em Papallacta colecionamos alguns exemplares que viveram por mais de dois anos em cativeiro, como aconteceu ao exemplar que ilustra a cores a Figura 7, que hoje está incorporado à coleção de peles do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão, sob nr. 2.031. O notavel vôo desta espécie é bastante retilíneo, graças ao equilibrio que é estabelecido pela sua longa cauda. Ainda em vôo o modo muito agil com que se movimenta entre os ramos de um local bem cerrado, para ver como consegue desvencilhar-se sem que possa a cauda tocar o mais fino ramo, diz bem da sua estrategia. E' uma espécie muito arisca e belicosa; em vôo de ataque as vezes detem-se em vôo de libração e estendendo a cauda em leque, avança contra o inimigo com grande violência. Prefere o banho na folhagem molhada pela chuva ou pelo orvalho da noite; também frequenta os respingos da água que cai em filetes. O seu canto é chilreado e também de assovios bastante longos e fortes, dizendo: tii-o.

Aglaiocercus kingi margarethae (Heine) - Vive nas florestas e bosques da Zona Sub Tropical Venezuelana, a uma altitude que varia de 900 até acima de 2.000 metros. Segundo Phelps & Phelps, em: Falcón, na Sierra de San Luis (Curimagua e San Luis); na Cordilheira da Costa Central em Carabobo (Cumbre de Valencia; Hda. Santa Clara), Aragua (Rancho Grande; Colonia Tovar), Distrito Federal (Caracas; Cerro El Alvila; El Junquito; El Limón) e Miranda (Curupao; Hda. Izcaragua) e na Cordilheira Central (cerros Golfo Triste e Negro). Os exemplares que ilustram a cores as Figuras 8 e 9, os colecionamos em Junquito e foram mantidos em cativeiro em Santa Teresa, por mais de um ano, e estão incorporados à coleção de peles sob nrs. 2.059 e 2.090. Na floresta virgem em Junquito estivemos por duas vezes em companhia do Dr. William H. Phelps Jr. e no mesmo habitat observamos e colecionamos alem de A. k. m., as espécies: *Coeligena coeligena coeligena* e *Metallura tyrianthina chlopopogon*. O macho de *Aglaiocercus kingis margarethae*, também no pousar as vezes traz a cauda para o alto, parecendo freiar o impulso do vôo; fazendo também os mesmos movimentos com cauda ao passar por entre as ramagens e galhadas e destendendo-a aberta em leques nos momentos de agressão, para melhor firmar-se no ataque ou



Fig. 1 — Phaethornis yaruqui yaruqui (Bourcier) — macho juv.

FOTO DE C. H. GREENEWALT
FUBL. AUTORIZADA PELO A. M. N. H.



Fig. 2 — *Boissonneaua jardini* (Bourcier) — macho

FOTO DE C. H. GREENEWALT
PUBL. AUTORIZADA PELO A. M. N. H.

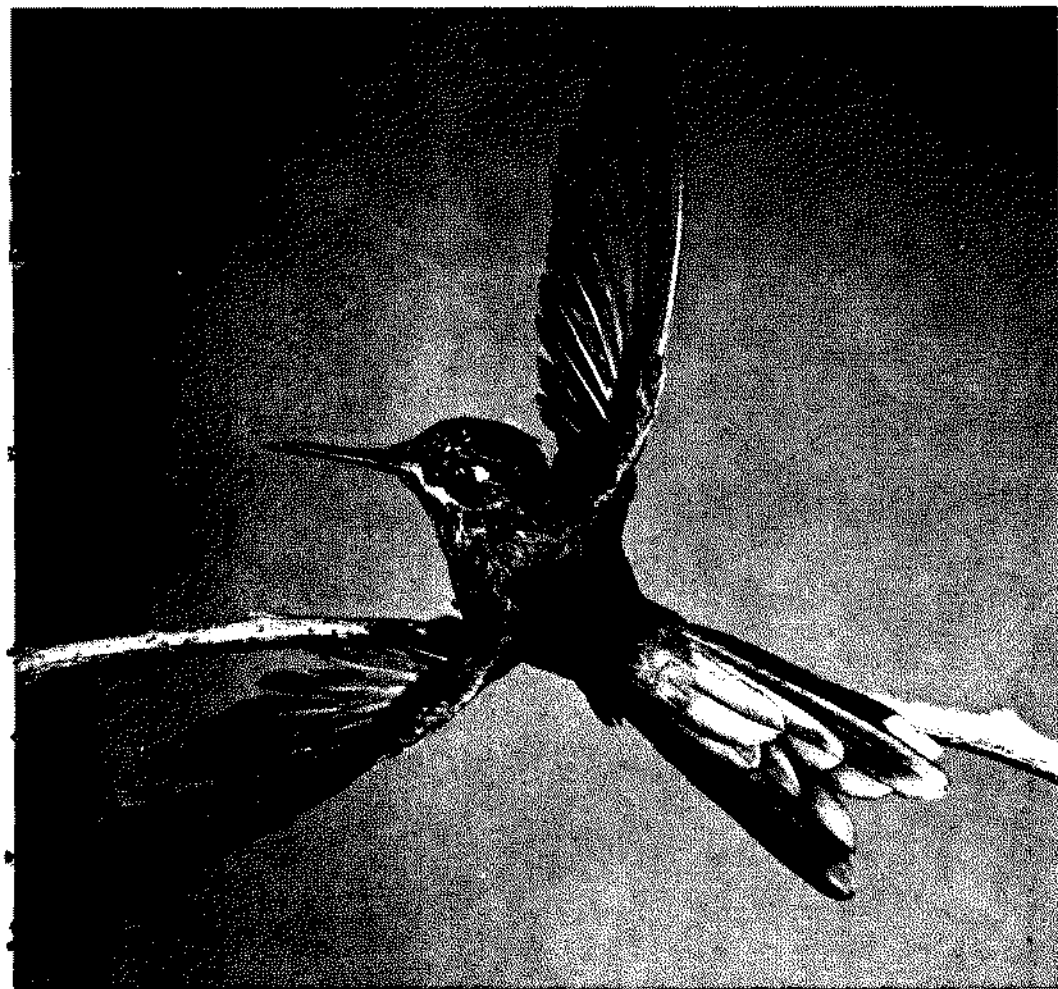


Fig. 9 — Aglaiocercus kingi margarethae (Heine) — fêmea

FOTO DE C. H. GREENEWALT

PUBL. AUTORIZADA PELO A. M. N. H.

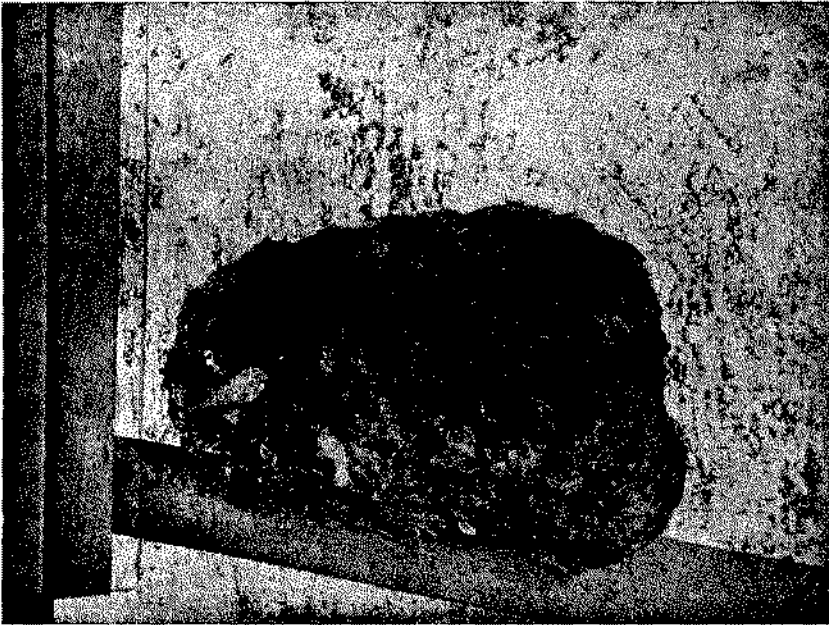


Fig. 3 — *Ninho de Doryfera ludovicae ludovicae*
(Bourcier & Mulsant)



Fig. 4 — Ninho de Heliangelus viola (Gould)



*Fig. 5 — Ninho de Colibri coruscans
coruscans (Gould)*



*Fig. 6 — Ninho de Helianthes torquata
fulgidigula (Gould)*



Fig. 7 — Aglaiocercus kingi mocoa (De Lattre & Bourcier) — macho

FOTO DE C. H. GREENEWALT
PUBL. AUTORIZADA PELO A. M. N. H.

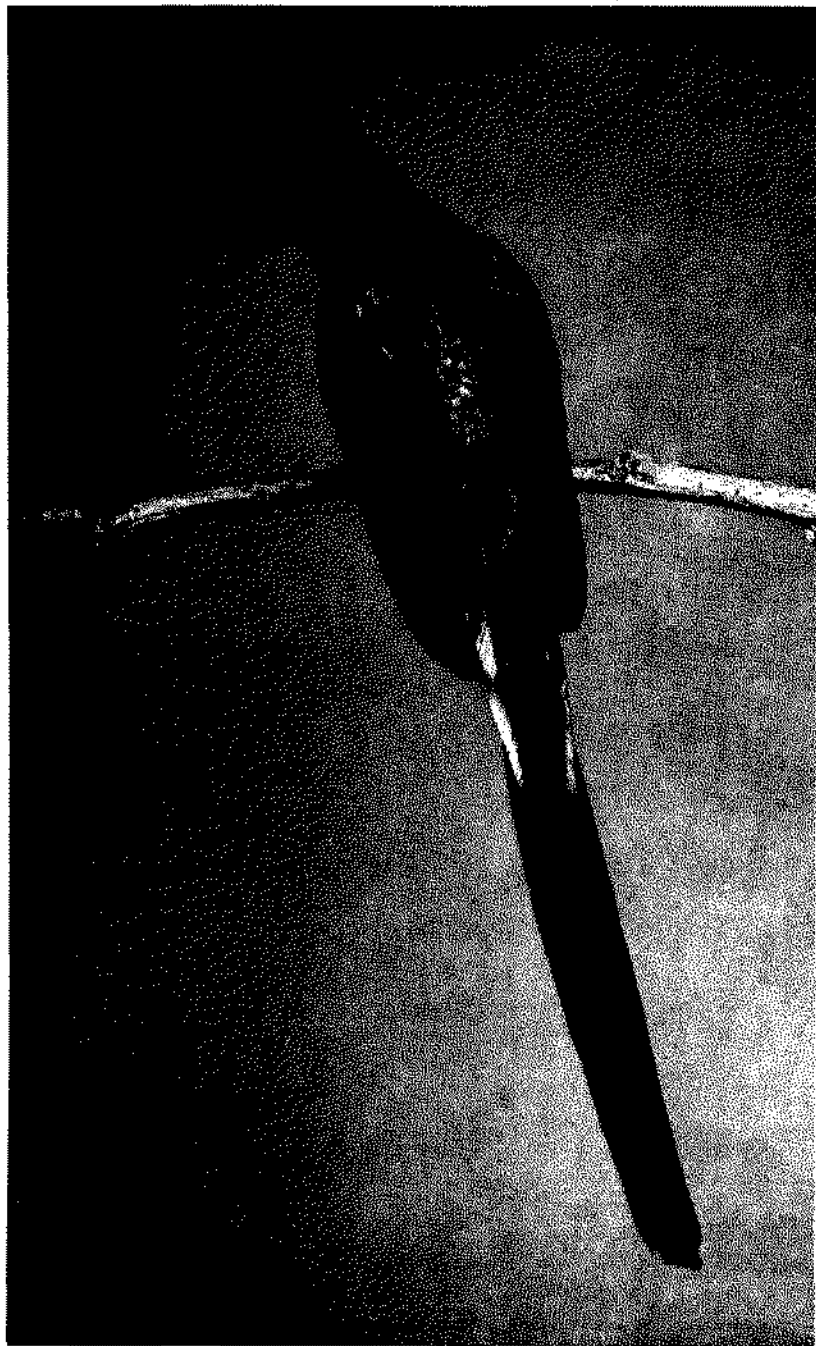


Fig. 8 — Aglaiocercus kingi margarethae (Heine) — macho

FOTO DE C. H. GREENEWALT
PUBL. AUTORIZADA PELO A. M. N. H.

defesa. O seu canto mais característico é dado por um assovio que diz: tii-o, e também executa canto chilreado, mostrando nesse momento um movimento das plumas do mento. E' também uma espécie sedentária, muito arisca e belicosa.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — CORY, C. B.
1918 - Cat. of Bds. of The Am. Vol. XIII p. II n. 1 Field Mus. Nat. Hist. Zool. Ser.
- 2 -- CHAPMAN, F. M.
1917 — Bul. of The Am. Mus. of Nat. Hist. Vol. XXXVI
1926 — Bul. of The Am. Mus. of Nat. Hist. Vol. LV
- 3 — DORST, J.
1955-56 — Trav. do L'Inst. Franc. D'Étud. Andinos Tom. V.
- 4 — GOULD, J.
1861 — Monog. Trochil.
- 5 — GREENEWALT, C. H.
1960 — Hummingbirds, The Am. Mus. of Nat. Hist.
- 6 — GREENEWALT, C. H. & RUSCHI A.
1960 — Wing beat rate, body weight, and wing length for certain Hummin-birds.
- 7 — HARTERT, E.
1900 — Das Tierreich, Trochilidae
- 8 — KOEPCKE, M.
1954 — Mom. Mus. Hist. Nat. «Javier Prado» Nr. 3.
- 9 — PETERS, J. L.
1955 — Check-List of Birds of The World, Vol. V.
- 10 — PHELPS, W. & PHELPS W. Jr.
1958 — Bol. Soc. Venez. Cienc. Natural. Tom. XIX, Nr. 90
- 11 — SHAUENSEE, R. M.
1948-1949 — Caldasia Vls. 22 e 23.
- 12 — SIMON, E.
1921 — Hist. Nat. Des Trochil.
- 13 — RUSCHI, A.
1961 — Bol. Mus. Biol. Prof. Mello Leitão, Nrs. 23, 24, 25, 26.
- 14 — ZIMMER, G. T.
1950-1951 e 1952 — NOVITATES, Am. Mus. of Nat. Hist. Nrs. 1949; 1563: 1513; 1540; e 1595.